Ciências humanas

Grupo resgata pré-história paulista

Escavações na área de hidrelétrica no Rio Paraná revelam culturas anteriores à chegada de europeus

Fotos Reprodução

Ao lado, urna funerária desenterrada pelos arqueólogos e, *acima*, exemplares de pontas de flechas e outros artefatos encontrados nas escavações

Uma pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Câmpus de Presidente Prudente, já salvou pelo menos um quinto de todo o material de oito sítios arqueológicos, no extremo oeste do Estado. Eles estão na área de formação do lago da represa da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, também chamada de Usina Hidrelétrica de Porto Primavera. "O material descoberto é bastante variado e inclui urnas funerárias e ossos humanos", afirma Rosangela Custodio Cortez Thomaz, professora do Câmpus de Rosana, que coordena a pesquisa de campo.

A usina começou a ser instalada em 1980, pela Companhia Energética de São Paulo (CESP), no Rio Paraná, na divisa com o Mato Grosso do Sul, na altura do município de Rosana (SP). Desde o início das obras, foram encontrados artefatos de pedra lascada e polida e também objetos cerâmicos. Entretanto, apenas cerca de dez anos depois, o salvamento arqueológico foi determinado como condição para a concessão do aval de funcionamento da hidrelétrica.

Cerâmicas e pedras polidas foram as primeiras peças resgatadas no trabalho de escavação – em geral, estavam apenas 40 cm abaixo da superfície. São vasos, batedores e moedores em formato arredondado, esculpidos por grupos que viveram de 400 anos a mil anos atrás.

Também foram encontradas pedras lascadas, que remetem a ocupações de mais de mil anos. Elas foram descobertas em escavações com profundidade de 1,10 m a 3,20 m e consistem em pontas de projéteis, como flechas, microlanças e raspadores. "Isso significa que as mesmas regiões foram ocupadas em épocas muito distintas", afirma a arqueóloga Ruth Künzli, professora e pesquisadora voluntária da FCT, coordenadora geral dos estudos.

Participam da equipe arqueólogos, engenheiros cartógrafos, geomorfólogos, técnicos em cartografia e outros profissionais, além de alunos de graduação e pós-graduação. Cientistas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) exploram a margem sul-mato-grossense da represa.

Reconstituição – O material cerâmico apresenta fortes traços da cultura guarani. Para determinar a idade dos exemplares está sendo usada a termoluminescência, que mede a energia absorvida pela peça após o cozimento da argila.

Com a ajuda da computação, os estudiosos estão restaurando peças danificadas ou, a partir de fragmentos, visualizando como seriam outras. Exemplares decorados com técnica de escovamento estão no acervo recolhido. "A cerâmica escovada nos mostra que essas populações já tinham contato com a civilização europeia, muito provavelmente com padres espanhóis jesuítas do início da colonização", diz Ruth.

Análises preliminares indicam que essas tribos eram formadas por lavradores seminômades, que habitavam um local até esgotar a capacidade produtiva do solo. Para Rosangela, o estado dos ossos permite supor também algum método de conservação de cadáveres.

Idade da Pedra – "Quanto ao material lítico lascado, acreditamos que pertença à tradição umbu", afirma o doutorando da FCT Jean Ítalo de Araújo Cabrera, que trabalhou no sítio Lagoa São Paulo 2, em Presidente Epitácio (SP). A tradição umbu envolve grupos caçadores, coletores e pescadores pré-históricos.

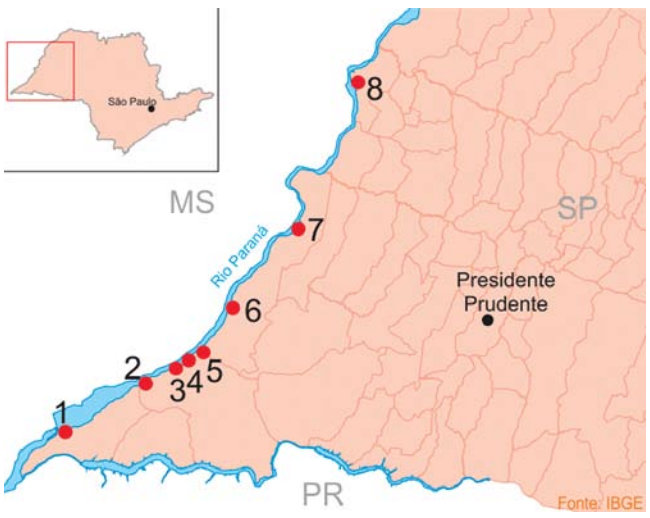
O resultado de todo esse esforço vem sendo exposto, desde 2000, no Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (Cemaarq), Câmpus de Presidente Prudente. "Estamos nos preparando para montar um outro museu arqueológico no sítio Lagoa São Paulo 2, onde ainda faremos futuras campanhas de escavação", prevê Rosangela.

Obra – Os primeiros trabalhos de campo começaram em 1998, com a concretização do Projeto de Salvamento Arqueológico – financiado pela CESP para compensar parte do impacto da obra –, e foram concluídos em 2002. Outros objetos foram descobertos em 2005, o que levou à criação da segunda etapa do projeto, encerrada no fim de 2010.

Do lado paulista, foram escolhidos oito sítios, por estarem na área de inundação da usina – há outros sete em regiões mais seguras, para futura prospecção. Os pontos já analisados estão numa área de quase 120 km de extensão.

Segundo Ruth, a correnteza nas margens do lago da usina arrastou muitas peças para a água. Tratores, movimentação do gado e outros procedimentos agropecuários também eliminaram parte das informações. Ainda assim, mais de 4 mil peças foram recolhidas e documentadas apenas no sítio arqueológico Garça Branca. No sítio Lagoa São Paulo 2, foram achados cerca de 8 mil exemplares.

Cínthia Leone

Locais dos trabalhos de campo

Estudos se realizam na área em torno do lago da Usina Porto Primavera (pontos 1 a 5) e em outros locais ao longo do Rio Paraná (6 a 8), em busca de vestígios da cultura guarani e de povos ainda mais antigos